

## **Frigoríficos brasileiros se expandem no Mercosul**

*Neila Baldi*

Os principais países criadores de gado no Mercosul estão sendo dominados por indústrias brasileiras. Elas já são as maiores na Argentina e no Uruguai e agora avançam sobre o Paraguai. Ontem, o Minerva anunciou a aquisição de 70% do capital social da Friasa, por US\$ 4 milhões. A indústria é arrendatária de uma unidade no país vizinho, com capacidade de abate de 700 animais por dia. A transação prevê que a Friasa arrendará a planta frigorífica por um prazo de cinco anos renováveis por igual período. A empresa está de olho, entre outras coisas, na oportunidade de exportar para a União Européia, uma vez que as remessas do Brasil estão quase paralisadas.

O Minerva é a terceira empresa do Brasil a investir lá: o Bertin está desde o ano passado com uma planta para 600 abates diários, enquanto o Independência começa a operar em setembro a unidade que abate 700 bovinos por dia.

"Talvez o Paraguai possa ser "a bola da vez" se tiver plantas disponíveis, já que, o que tinha de comprar no Uruguai e Argentina, o Brasil já comprou", afirma o analista da Safras & Mercado, Paulo Molinari. Na Argentina estão o Marfrig - que tem a maior planta do país, da Quickfood e o JBS, o primeiro a iniciar o processo de internacionalização do setor, em 2005, com a aquisição da Swift. É neste país que existe o maior domínio brasileiro: são 11 plantas. No Uruguai as empresas brasileiras têm cinco plantas. No Chile o Marfrig também opera, mas com cordeiros e não com bovinos.

Segundo analistas de mercado, as indústrias brasileiras estão de olho na oferta de animais, em um hedge sanitário e também em mercados que o Brasil não atende. Alguns dos países do Mercosul têm, por exemplo, uma Cota Hilton - prêmio oferecido pela União Européia, que permite a entrada de 58.100 toneladas de cortes bovinos nobres com uma tarifa de 20% ad valorem - superior à nacional. A Argentina tem uma cota de 28 mil toneladas, enquanto a do Uruguai é de 6,3 mil toneladas e a do Brasil, 5 mil toneladas.

Ronald Aitken, superintendente de Relações com Investidores do Minerva, diz que a escolha pelo Paraguai se deve à estabilidade política, ao potencial de melhoria do status sanitário, além da diversificação geográfica. "O país teve sinal verde da União Européia para a compra de carne bovina. Além disso, é um exportador para o Chile, que o Brasil está olhando, e fornecedor de clientes importantes como a Rússia e o Oriente Médio. Segundo ele, as plantas brasileiras podem se focar mais no mercado interno, que está crescendo bastante, e o Paraguai ser base de exportação. Ele acrescenta que, neste sentido, o país vizinho está mais competitivo, pois o gado é mais barato.

"Os frigoríficos estão se globalizando, difundindo tecnologia e transformando a América Latina em uma grande plataforma de exportação de carnes", afirma o economista Fábio Silveira, sócio-diretor da RC Consultores.

George Haddad, sócio-diretor da DBO Trevisan, diz que a representatividade das empresas brasileiras na América Latina é grande. "No Uruguai o Marfrig é o maior exportador de carne. Na Argentina, a Swfit e a Quickfood são grandes. Hoje, onde tem histórico de criação de gado, o Brasil está muito bem representado"., afirma Segundo ele há motivos comerciais, como o mercado americano para carne in natura, e a Co ta Hilton, para esta procura pelo Mercosul.

Fabiano Tito Rosa, da Scot Consultoria, diz que o Minerva está seguindo o movimento de se internalizar, fazendo hedge econômico ou sanitário. Na sua avaliação, o Paraguai tem clima propício para a pecuária, e potencial grande para crescer em tecnologia. "É uma estratégia interessante. Mas tem problemas, como controle sanitário não rigoroso e não ter saída para o mar", argumenta. O diretor da AgraFNP, José Vicente Ferraz, também vê alguns problemas no investimento no Paraguai. Segundo ele, o país, assim como a Bolívia, tem uma instabilidade sanitária.

Rosa lembra também que, atualmente, o Uruguai não tem mais espaço para crescer e na Argentina há um "boicote" do governo." O Paraguai é um dos poucos que sobrou". Molinari acrescenta que o Paraguai não tem perfil exportador muito grande, mas tem grandes chances de ampliar o volume de exportações em função do tipo de rebanho. De acordo com o Minerva, o Paraguai é o 8º maior exportador de carne bovina do mundo, com um rebanho de 11 milhões de cabeças, e potencial de aprimoramento de produtividade, pois a taxa de desfrute é de 14%.

**INVASÃO DO MERCOSUL**  
Indústrias brasileiras com abate de gado na região

	Indústria	Quantidade	Capacidade (em animais/dia)
Argentina	Marfrig	5	*
	JBS	6	6.700
Uruguai	Marfrig	4	*
	Bertin	1	1.200
Paraguai	Independência	1	700
	Minerva	1	700
	Bertin	1	600

Fonte: Mercado \*Não revela

Leia mais:

### Exportação do campo é recorde

Roberto Tenório

As exportações do agronegócio em julho tiveram crescimento de 50,3% e atingiu US\$ 7,9 bilhões, o maior valor já registrado neste período. As importações cresceram 55%, ficando em US\$ 1,1 bilhão e o superávit no período foi de US\$ 6,79 bilhões (49% a mais). No acumulado do ano, o campo comercializou com o exterior US\$ 41,7 bilhões, um incremento de 30%. No mesmo período, as compras somaram US\$ 6 bilhões (alta de 44%), o que resultou em um saldo de US\$ 34 bilhões, 25% maior na comparação com o mesmo período de 2007.

Os três principais produtos exportados de janeiro a julho foram o complexo soja (US\$ 11,8 bilhões), carnes (US\$ 8,4 bilhões) e produtos florestais (US\$ 5,6 bilhões).

O câmbio e o crescimento da demanda mundial puxada pela China são alguns dos fatores apontados pelos analistas para o crescimento da soja. No acumulado, o volume do complexo soja cresceu 7,7%, atingindo 26,3 milhões de toneladas. Para Fábio Trigueirinho, secretário geral da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (Abiove), mesmo com a desaceleração da economia americana, a demanda chinesa por alimentos não deverá diminuir. "Acredito que a crise está mais concentrada nos Estados Unidos", disse.

Os preços em alta e o câmbio desvalorizado continuaram impulsionando o resultado com a receita das carnes. O volume embarcado no acumulado do ano foi de 3,5 milhões de toneladas, incremento de 5,6% em relação ao anterior. Em 2007, o item chegou a ameaçar a liderança da soja, quando registrou receita de US\$ 11,2 bilhões. Mas a perda do mercado europeu em 2008, que remunera muito bem, voltou a ampliar a vantagem da oleaginosa.

O superintendente da Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS), Rubens Garlipp, explica que o resultado com a receita de janeiro a julho dos produtos florestais foi impulsionado pela desvalorização do câmbio. A queda de 16,6% nos volumes embarcados de madeira, que ficou em 3 milhões de toneladas, foi motivado pela crise imobiliária nos EUA, ressalta Garlipp. "Cerca de 70% da madeira importada por eles são utilizadas na construção civil. Por conta da crise, a expectativa é de que a recuperação desse segmento ocorra em dois anos", estima.

Na comparação com 2007, o ranking dos 10 principais produtos do agronegócio exportaram teve uma troca de posições entre o suco de fruta e o fumo. Este último ganhou a 7ª colocação em receita exportada, que no acumulado do ano atingiu US\$ 1,3 bilhão. Iro Schünke, presidente do Sindicato das Indústrias de Fumo (Sindifumo), disse que a maior remuneração ocorreu por causa do repasse de custos de produção e da desvalorização cambial. Prova disso, é que o volume embarcado no período é menor que o ano passado. O contabilizado até agora atingiu 361,8 mil toneladas, queda de 4,7%. "Ano passado, período em que o Brasil representou 30% das exportações mundiais, a safra estava mais adiantada. Mas a queda é pontual".

Maurício Mendes, presidente da AgraFNP, explica que a queda do suco de fruta no ranking não é grave. "Isso significa que a maior parte da produção é incorporada pelo mercado interno em virtude do aumento da renda da população". Disse ainda que quando a renda da população cresce, a tendência é que o consumo de frutas, verduras e processados aumenta. Até julho, as exportações do item foram de 1,1 milhão de toneladas, queda de 2,5% em relação a 2007..

Em 12 meses, o agronegócio exportou US\$ 68 bilhões, número 24% maior que o período anterior, que atingiu US\$ 54,8 bilhões. O superávit no período foi de US\$ 57,2 bilhões.

MUDANÇA NO RANKING	
2008	2007
Soja	Soja
Carne	Carne
Florestais	Florestais
Sucroalcooleiro	Sucroalcooleiro
Café	Café
Couro	Couro
Fumo	Suco
Suco	Fumo
Cereais	Cereais
Fibra	Fibra

Fonte: Mapa

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 8, 9 e 10 ago. 2008, Eu & Carreira, p. D10.